

«Um retrato brilhante de uma mulher que tem consciência do poder da sua beleza, mas que deseja ser reconhecida pelo seu intelecto aguçado. Os leitores vão ficar fascinados.»

Publishers Weekly

A ÚNICA MULHER NA SALA

Ela é linda. E é um génio.
Será um mundo dominado por homens
capaz de a aceitar?

TOP
SELER

MARIE BENEDICT

Bestseller do *New York Times* e do *USA Today*

Para o Jim, o Jack e o Ben.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

17 de maio de 1933
Viena, Áustria

Abri as pálpebras, mas os holofotes cegaram-me momentaneamente. Pousando a mão discretamente a apoiar-me no braço do meu par, forcei um sorriso confiante nos lábios enquanto não recuperava a visão. Os aplausos retumbavam na sala, e eu senti-me estremecer no meio daquela cacofonia de luz e som. A máscara que tinha encarnado para o meu papel eclipsou-se por um instante, e deixei de ser a imperatriz Isabel, da Baviera do século XIX, para voltar a ser Hedy Kiesler.

Não podia permitir, todavia, que os espetadores do célebre Teatro de Viena me vissem vacilar na representação da amada imperatriz da cidade, nem sequer depois do levantar do pano. Ela era o símbolo da outrora gloriosa Áustria dos Habsburgos, um império que reinara ao longo de quase 400 anos, a cuja memória e imagem as pessoas se agarravam naqueles tempos humilhantes depois da Grande Guerra.

Fechei os olhos durante uma fração de segundo e procurei bem fundo no meu íntimo, rechaçando as pequenas preocupações e as ainda mais ínfimas aspirações que podia ter como Hedy Kiesler. Tive de invocar os meus poderes como atriz para tornar a envergar o manto da soberana, a sua necessária altivez e pesadas responsabilidades. Então, abri os olhos e contemplei os meus súbditos.

O público materializou-se subitamente à minha frente. Percebi assim que não estavam a aplaudir do conforto dos seus assentos vermelhos aveludados, mas se tinham antes levantado numa ovação de pé, uma honra que os meus concidadãos vienenses só raramente concediam. Na qualidade de imperatriz, seria sempre o meu tributo natural, mas, enquanto Hedy, perguntei-me se aqueles aplausos seriam verdadeiramente para mim ou para algum dos outros atores de *Sissi*. Ao fim e ao cabo, o ator que representara o imperador Francisco José, marido da minha imperatriz Isabel, Hans Jaray, era um titular lendário dos principais papéis do Teatro de Viena. Assim, esperei que o resto do elenco fizesse as suas vénias. E, embora tenha distribuído aplausos entusiásticos aos restantes atores, o público entrou numa histeria quando chegou a minha vez de avançar até ao centro do palco para uma vénia. Aquele era sem dúvida o meu momento de glória.

Queria tanto que o meu pai pudesse ter visto a minha atuação nessa noite. Se a minha mãe não tivesse afetado uma indisposição qualquer, numa clara tentativa para me roubar as atenções naquela noite tão importante, o meu pai teria assistido à minha estreia no Teatro de Viena. Tenho a certeza de que ficaria deliciado com a reação do público e, se pudesse testemunhar aquela adulação pessoalmente, talvez isso ajudasse a redimir-me perante os seus olhos da minha arrojada aparição no filme *Êxtase* — um papel que eu desejava ansiosamente esquecer.

O som dos aplausos começou a esbater-se, para ser substituído por um burburinho de incómodo do público à medida que uma procissão de arrumadores descia o corredor central, com os braços carregados de flores. Aquele gesto grandioso, tão notório quanto inconveniente, pela sua manifestação pública, deixou os geralmente reservados vienenses em estado de choque. Quase conseguia escutá-los a perguntarem-se quem se atrevia a interromper assim uma noite de estreia no Theater an der Wien com uma tal audácia exibicionista. A única coisa que o poderia

desculpar seria o excesso de zelo de uns pais orgulhosos, mas eu sabia que a circunspeção dos meus pais nunca o permitiria. Teria sido a família de algum dos outros atores a dar este passo em falso?

Quando os arrumadores se aproximaram do palco, reparei que não vinham carregados de simples flores, mas de requintadas rosas de estufa. Talvez uma dúzia de buquês. Quanto custaria uma tal abundância de rosas vermelhas carnudas? Quem se poderia dar ao luxo de um gesto assim tão decadente em tempos como aqueles?

Os arrumadores subiram os degraus do palco, e compreendi que tinham recebido instruções para entregar os buquês ao seu destinatário perante os olhos do público. Sem saber como reagir àquela quebra de todas as regras de decoro, olhei de relance para os outros atores, que pareciam igualmente perplexos. O diretor de cena gesticulou para os arrumadores, ordenando-lhes que dessem meia-volta, mas eles deviam ter sido bem recompensados, porque se limitaram a ignorá-lo para se postarem à minha frente.

Foram-me entregando os buquês um a um, até que os meus braços já não os podiam suster. Então, depositaram-me os restantes aos pés. Senti os olhares reprovadores dos meus colegas a percorrerem-me a espinha com um calafrio. A minha carreira em palco, o seu êxito ou fracasso, estava inteiramente dependente dos caprichos daqueles veneráveis atores; eles podiam fazer-me despencar do breve pináculo de glória a que eu me tinha erguido com uma simples palavra às pessoas certas, fazendo-me substituir por uma das várias jovens atrizes que ansiavam pelo papel. Senti-me compelida a recusar os buquês, até que me ocorreu uma reflexão.

O meu admirador podia ser qualquer pessoa. Podia ser um membro proeminente de um dos partidos que disputavam o governo — o Partido Social-Cristão, conservador, ou o Partido Social-Democrata, socialista. Pior ainda, o meu benfeitor podia

ser simpatizante do Partido Nacional Socialista e almejar a uni-ficação da Áustria com a Alemanha sob a mão de ferro do seu recém-nomeado chanceler, Adolf Hitler. O pêndulo do poder parecia oscilar a cada dia que passava, e ninguém se podia dar ao luxo de correr riscos. Muito menos eu.

O público tinha parado de aplaudir por completo. Com o silêncio incômodo que se fizera na sala, os espetadores voltaram a sentar-se nos lugares. Todos menos um homem. Ali, no meio da terceira fila, o lugar mais cobiçado do teatro, via-se um cavalheiro rotundo e com o queixo quadrado. Entre todos os outros patronos do Theater an der Wien, mantinha-se de pé sozinho.

A olhar fixamente para mim.

CAPÍTULO 2

17 de maio de 1933
Viena, Áustria

A cortina desceu. Os outros atores lançaram-me olhares interrogativos, e eu respondi-lhes com um encolher de ombros e um abanar de cabeça que esperei que transmitissem a minha perplexidade e reprovação do gesto. Tão rapidamente quanto me pareceu apropriado depois das felicitações mútuas, regresssei ao meu camarim e fechei a porta. Fui acometida por um misto de raiva e preocupação, já que as flores me tinham distraído do meu triunfo num papel que me podia ajudar a ultrapassar em definitivo o escândalo de *Êxtase*. Precisava de descobrir quem é que me tinha feito aquilo — e se fora feito à laia de elogio, ainda que pouco sensato, ou outra coisa.

Retirei o sobrescrito escondido entre as flores do maior dos buquês, peguei na tesoura de unhas e abri-o. Encontrei um cartão grosso de cor creme, debruado a ouro. Segurando-o junto ao candeeiro do meu toucador, li a dedicatória:

Para uma inesquecível Sissi. Seu, Friedrich Mandl

Quem era este Friedrich Mandl? O nome não me era estranho, mas não me lembrava de onde o escutara.

A porta do camarim estremeceu com uma batida autoritária.

— Menina Kiesler? — Era a Sra. Else Lubbig, camareira veterana encarregada de vestir os protagonistas de todas as produções do Theater an der Wien nos últimos 20 anos. Mesmo durante a Grande Guerra e os anos acabrunhados que se seguiram à derrota austríaca, a matrona de cabelos grisalhos continuara a prestar assistência aos atores que subiam ao palco para tentar animar os espíritos vienenses, como naquela peça sobre a personagem da imperatriz Sissi, que lembrava as pessoas da grandeza histórica da Áustria e as incentivava a imaginar um futuro mais promissor. A peça, como é evidente, não abordava os últimos anos de vida da imperatriz, quando o jugo do imperador, motivado pelo seu descontentamento com a mulher, lhe passou a restringir todos os movimentos. As gentes de Viena não queriam que lhes lembrassem disso, e eram especialistas na arte da negação.

— Entre, por favor — respondi.

Sem o mais pequeno olhar para aquela enorme quantidade de rosas, a Sra. Lubbig começou a desapertar os laços do meu vestido amarelo-dourado. Enquanto eu esfregava creme no rosto para remover a pesada maquilhagem de palco e os derradeiros vestígios da minha personagem, ela libertou-me os cabelos do complicado *chignon* que o encenador julgara ser o mais adequado à imperatriz Sissi. E, embora a Sra. Lubbig se mantivesse em silêncio, pressenti que ela estava a contar o tempo até me fazer a pergunta que indubitavelmente corria por todo o teatro.

— Que lindas flores — comentou por fim a Sra. Lubbig, depois de elogiar a minha atuação.

— Sim — respondi, à espera da verdadeira pergunta.

— Posso perguntar-lhe de quem são? — indagou ela, desviando a sua atenção do meu cabelo para o corpete.

Eu detive-me, a ponderar o que responder. Podia mentir e atribuir a gafe das flores aos meus pais, mas aquele mexerico servia de moeda com que ela podia negociar e, se eu partilhasse a

resposta com a camareira, ela ficaria em dívida comigo. Um favor da Sra. Lubbig podia vir a revelar-se bem útil.

Sorri-lhe, mostrando o cartão.

— Um tal de Friedrich Mandl, ao que parece.

Ela não disse nada, mas ouvi-a arquejar brusca e significativamente nas minhas costas.

— Já ouviu falar dele? — perguntei.

— Sim, menina.

— Viu-o no teatro hoje à noite? — Eu sabia que a Sra. Lubbig assistia às representações a partir dos bastidores, sempre à espreita da sua atriz designada para a poder assistir prontamente com uma bainha solta ou uma peruca à banda.

— Sim.

— Não seria por acaso o homem que permaneceu de pé depois de os aplausos terminarem?

Ela suspirou.

— Era, sim, menina.

— O que sabe acerca dele?

— Preferiria não responder, menina. Não me cabe a mim.

Reprimi um sorriso face àquela falsa modéstia da Sra. Lubbig. De certa forma, com o seu tesouro de segredos, ela detinha mais poder do que qualquer outra pessoa no teatro.

— Ser-me-ia de grande auxílio, se pudesse responder.

Ela deteve-se, batendo ao de leve no seu cabelo imaculadamente penteado, como se estivesse a ponderar a minha súplica.

— Ouvi apenas mexericos e boatos. Nem todos lisonjeiros.

— Por favor, Sra. Lubbig.

Observei-a pelo espelho, vendo-lhe o rosto sulcado pelas rugas como se estivesse a fazer uma triagem do ficheiro que guardava cuidadosamente no cérebro, para decidir quais seriam os trechos de informação mais adequados.

— Bem, o Sr. Mandl goza de uma certa reputação entre as mulheres.

— Tal como qualquer outro homem de Viena — retorqui com uma pequena gargalhada. Se era só aquilo, não precisava de me apoquentar. Com os homens podia eu bem. A maioria deles, pelo menos.

— Vai um pouco além dos galanteios habituais, menina. Um romance em particular conduziu ao suicídio de uma jovem atriz alemã, Eva May.

— Oh, céus! — sussurrei, embora, dada a minha própria história de corações partidos e de uma tentativa de suicídio por parte de um pretendente quando o rejeitei, não estivesse em posição de julgar ninguém com demasiada severidade. Por muito terrível que fosse o que ela sabia não se devia resumir àquela historieta. Pressenti pelo tom de voz dela que ainda me estava a esconder qualquer coisa, e que havia mais para contar. Mas é claro que a Sra. Lubbig me ia obrigar a implorar. — Eu ficaria em dívida para consigo se tivesse algo mais.

Ela hesitou.

— É o tipo de informação que temos alguma relutância em partilhar nos dias que correm, menina. — Naqueles tempos de penúria, o conhecimento era valioso.

Peguei-lhe na mão e fitei-a nos olhos.

— A informação é para meu uso exclusivo, para minha própria segurança. Prometo que não a partilharei com mais ninguém.

Ao fim de uma longa pausa, ela acabou por dizer:

— O Sr. Mandl é proprietário da Hirtenberger Patronenfabrik. A empresa dele produz munições e armamento, menina.

— Um trabalho assaz desagradável, suponho. Mas alguém tem de se dedicar a isso — retorqui. Não percebi o que tinha a ver o homem com a indústria.

— Não é tanto o armamento que ele produz, mas as pessoas a quem o vende.

— Ai, sim?

— Sim, menina. Há quem lhe chame o Mercador da Morte.

CAPÍTULO 3

26 de maio de 1933

Viena, Áustria

Nove dias depois da minha estreia em palco como Sissi, uma lua opulenta quase cheia erguia-se nos céus de Viena, projetando sombras violetas com os seus raios. Havia luz suficiente para iluminar as ruas da cidade, pelo que decidi fazer a pé o resto do caminho até casa, através do elegante 19.º bairro, e saí do táxi, apesar do adiantado da hora. Ansiava por um interlúdio de paz, uma pausa entre a insanidade que se seguia à atuação no teatro e o dilúvio de atenções parentais a que andava a ser submetida quando chegava a casa após cada espetáculo.

Os passeios continham apenas alguns transeuntes — um casal de cabelos grisalhos a deambular até casa depois de um jantar tardio, um jovem a assobiar —, mas eu sentia-me a salvo. O caminho tornava-se cada vez mais próspero e endinheirado à medida que me aproximava da casa dos meus pais no bairro de Döbling, pelo que tinha a certeza de que as ruas eram seguras. Mas é claro que isto não teria tranquilizado as preocupações dos meus pais se soubessem que eu ia a pé para casa sozinha. Eram extremamente protetores da sua única filha.

Fazendo por esquecer os pensamentos sobre a minha mãe e o meu pai, permiti-me sorrir com a recordação da crítica publicada no *Die Presse* dessa semana. As palavras elogiosas sobre a minha

interpretação da imperatriz Sissi haviam conduzido a uma corrida às bilheteiras, e o teatro já só dispunha de lugares de pé no galinheiro para as últimas três noites. O meu estatuto entre os atores tinha melhorado bastante, com elogios audíveis do nosso geralmente crítico encenador. A consagração sabia-me bem, depois do escândalo da minha nudez em *Êxtase* — uma opção que me parecera aceitável, tendo em conta a sensibilidade artística do filme, até que o público, a começar pelos meus pais, teve uma reação chocada —, e eu sabia que o retorno ao teatro depois daquela incursão no cinema tinha sido a decisão mais acertada. Era como regressar a casa.

A representação tinha servido de escape à solidão da minha infância, uma forma de preencher o vazio da minha existência com outras figuras que não as omnipresentes amas e tutoras e os meus «omniausentes» pais. Começou pela simples criação de personagens e histórias para as minhas várias bonecas num palco improvisado montado debaixo da enorme secretária do escritório do meu pai, mas depois, inesperadamente, assumiu um papel muito mais profundo. Quando fui para a escola — e me vi de súbito apresentada a uma vasta multidão de pessoas —, representar tornou-se a minha forma de me mover através do mundo, uma espécie de moeda com que podia negociar sempre que precisava. Podia transformar-me em quem quer que aqueles à minha volta desejavam secretamente e, em troca, obtinha deles o que queria. No entanto, só quando pisei o meu primeiro palco é que compreendi o verdadeiro alcance do meu dom. Podia ocultar-me a mim própria e assumir a máscara de uma pessoa completamente diferente, talhada, não por mim, mas pelo encenador ou autor. Podia virar o olhar para o público e exercer sobre ele todo o meu poder hipnótico.

As únicas sombras que toldavam a luz que me cercava em Sissi eram a remessa diária de rosas. A cor foi variando, mas não a quantidade. Já as tinha recebido em fúcsia, rosa-claro, marfim,

vermelho-sangue, até mesmo um raro e delicado violeta, mas eram sempre exatamente 12 dúzias. Era obsceno. Felizmente, o método de entrega tinha sido alterado. Os arrumadores já não atravessavam a plateia até ao palco, com grandes vénias públicas; agora, limitavam-se a deixá-las discretamente no meu camarim durante o último ato do espetáculo.

O misterioso Sr. Mandl. Julgava tê-lo visto entre os espetadores no cobiçado lugar da terceira fila algumas vezes, mas não podia ter a certeza. Ele não fizera o mais pequeno esforço para se comunicar comigo depois da carta que acompanhara as primeiras rosas — até esta noite. Um cartão debruado a ouro aninhado entre as rosas amarelo-vivas — precisamente da cor do meu vestido — continha as seguintes palavras manuscritas:

Cara menina Kiesler, gostaria muito que me concedesse a honra de a levar a jantar no restaurante do Hotel Imperial depois da atuação desta noite. Se lhe for conveniente, queira, por favor, enviar recado ao meu motorista, que ficará a aguardar junto à porta dos artistas até à meia-noite. Seu, Friedrich Mandl

Além de lançar os meus pais em desespero, acaso pensasse sequer em encontrar-me com um estranho sozinho — sobretudo no restaurante de um hotel, ainda que se tratasse do estabelecimento de luxo desenhado pelo arquiteto Josef Hoffmann —, as informações que tinha reunido entretanto acerca do Sr. Mandl eram a melhor garantia de que não me atreveria a pisar essa linha. A minha investigação cautelosa fornecera-me ainda mais pistas sobre o meu misterioso benfeitor. Os poucos amigos que eu fizera no restrito mundo do teatro tinham ouvido dizer que o homem era movido apenas pelo lucro, e não pela moralidade dos clientes a quem vendia o seu armamento. Mas a informação mais preciosa chegou-me novamente através da Sra. Lubbig, a guardadora

de segredos, que me revelou que o Sr. Mandl era o favorito da casta ruim de autocratas que estavam a surgir por toda a Europa. Aquele dado perturbou-me mais do que todos os outros, uma vez que a Áustria estava a tentar conservar a independência, rodeada que estava por ditadores famintos de território.

Contudo, por muito que não me atrevesse a jantar com ele no Hotel Imperial, também não podia continuar a ignorá-lo por completo. Pelo que todos me tinham dito, o Sr. Mandl era um homem politicamente bem relacionado, e a situação atual exigia que todos os vienenses fossem cautelosos. Ainda assim, eu não sabia qual era a forma mais conveniente de lidar com as atenções dele, já que todos os meus cortejadores no passado tinham sido jovens maleáveis que andavam pela minha idade. De maneira que, enquanto não formulava um plano, pedi à Sra. Lubbig que me ajudasse a distrair o motorista do Sr. Mandl, para poder evitar a saída dos artistas e esgueirar-me pela porta da frente.

Os meus saltos batiam nas pedras da calçada num ritmo de *staccato* à medida que me aproximava da Peter-Jordan-Strasse. Passei pelas bem conhecidas moradias dos vizinhos antes daquilo a que os meus pais chamavam «a nossa pequena casinha», um termo que todos os residentes de Döbling usavam para descrever as suas vivendas. O nome pretendia ser uma homenagem ao estilo arquitetónico inglês das grandes casas arejadas do bairro, construídas no meio de jardins, mesmo que não correspondesse ao seu tamanho substancial.

Alguns números antes da casa dos meus pais, a luz pareceu diminuir. Ergui os olhos para o céu, a ver se as nuvens teriam tapado a Lua, mas ela continuava a brilhar reluzente. Nunca tinha reparado naquele fenómeno antes, mas a verdade é que nunca andava sozinha pelo bairro à noite. Perguntei-me se a escuridão se poderia dever à proximidade da Peter-Jordan-Strasse com o denso bosque de Viena, o Wienerwald, por onde eu e o meu pai gostávamos de passear aos domingos.

Não se via um único feixe de luz elétrica em todo o quarteirão, a não ser na casa dos meus pais. À minha volta, havia apenas janelas negras como breu, quebrada ocasionalmente pela luz bruxuleante de velas. Subitamente, lembrei-me do motivo para toda aquela escuridão. Vários dos habitantes do enclave de Döbling seguiam a tradição de se absterem de usar luz elétrica desde o pôr do Sol de sexta-feira até ao pôr do Sol de sábado, mesmo que os seus hábitos religiosos não se inclinassem para a ortodoxia que exigia uma tal prática. Eu tinha-me esquecido, porque era um costume que os meus pais nunca tinham respeitado.

Aquilo era o sabat em Döbling, um bairro judaico incrustado em plena cidade católica.

CAPÍTULO 4

26 de maio de 1933

Viena, Áustria

Assim que atravesssei a porta, fui assaltada pelo odor. Não precisava de ver as rosas para saber que toda a casa tinha sido inundada por elas. Mas porque é que o Sr. Mandl as havia de enviar também para ali?

Soavam alguns acordes desconexos de Bach vindos do piano de concerto *Bechstein* do salão. Mal a porta da entrada se fechou atrás de mim, a música parou, e ouvi a minha mãe chamar.

— Hedy? És tu?

Respondi enquanto entregava o meu casaco à Inge, a nossa criada:

— Quem mais poderia ser a esta hora, mãe?

O meu pai saiu do salão para me receber. Com um cachimbo de madeira intrincadamente esculpido pendendo do canto da boca, perguntou:

— Como vai a nossa imperatriz Sissi? Voltaste a ser «dona do palco», como proclamou o *Die Presse*?

Sorri para o meu altíssimo pai, que continuava a ser um homem elegante, apesar dos cabelos brancos nas têmporas e das rugas em torno dos olhos azuis. Mesmo àquela hora tardia, depois das 23 horas, estava impecavelmente vestido com um fato cinzento e uma gravata cor de vinho às riscas. Seria sempre o

fiável e bem-sucedido diretor de um dos bancos mais importantes de Viena, o Creditanstalt-Bankverein.

Pegou-me na mão e, por um instante, recordei-me das tardes de fim de semana da minha infância, quando ele respondia pacientemente às minhas questões sobre o mundo e as suas peculiaridades. Não havia uma única pergunta proibida, quer fosse histórica ou científica, sobre literatura ou política, e eu devorava o tempo que passava com ele, sem ter de dividir as suas atenções com mais ninguém. Numa tarde luminosa que eu recordava entre as minhas favoritas, ele passara uma hora a explicar-me a fotossíntese, em resposta às minhas especulações sobre o que comiam as plantas; a paciência que mostrava perante as minhas intermináveis dúvidas sobre o mundo natural e as ciências era infatigável. Mas essas horas eram sempre poucas, já que a minha mãe, o trabalho e as obrigações sociais exigiam demasiado dele. E, sem o meu pai, eu tinha de enfrentar longas horas de lições enfadonhas dos professores, ou de tarefas rotineiras com a minha ama, ou, em menor grau, a companhia da minha mãe, que só me prestava alguma atenção quando eu me sentava ao piano para ela me repreender pela falta de jeito. Por causa disso, embora adorasse música, agora eu só tocava piano quando a minha mãe não estava em casa.

Levando-me até ao salão, o meu pai instalou-me num dos quatro cadeirões de brocado que rodeavam a lareira, acesa por causa da fresca noite de primavera. Enquanto esperava que a minha mãe se nos viesse juntar, perguntou-me:

— Não tens fome, minha pequena princesa? Posso pedir à Inge para te arranjar uma refeição. Ainda pareces demasiado magra depois daquela crise de pneumonia.

— Não, mas obrigada, pai. Comi antes da atuação.

Olhei à minha volta, com os retratos de família a povoarem as paredes já demasiado preenchidas pelo papel de parede às riscas, e reparei que alguém — a minha mãe, sem dúvida — tinha disposto

critériosamente a dúzia de buquês de rosas pálidas em torno da sala. A não ser pelo sobrolho franzido, o meu pai mantinha-se em silêncio quanto à questão das flores. Sabíamos ambos que a minha mãe não tardaria a abordar o assunto.

Ela entrou na sala e ocupou-se a servir um copo de *schnapps*. Sem dizer a mais pequena palavra ou sequer cruzar os olhos comigo, a minha mãe transmitia assim a decepção que sentia.

A sala permaneceu em silêncio enquanto esperávamos que ela falasse.

— Parece que tens um admirador, Hedy — disse ela depois de um gole prolongado de *schnapps*.

— Sim, mãe.

— O que podes ter tu feito para encorajar um tal aparato? — Falou no seu tom de censura habitual.

A escola de boas maneiras que insistira que eu frequentasse não me conseguira polir as arestas para me transformar na jovem *hausfrau* apta para o casamento que a minha mãe esperava. Quando segui uma profissão que ela reputava de «ordinária», embora o teatro fosse tido em elevada conta entre os vienenses, ela decidiu que, provavelmente, o meu comportamento só poderia ser também ele grosseiro. E por vezes, tenho de admitir, eu correspondia às baixas expectativas dela com fosse qual fosse o jovem que permitia que me cortejasse. Tinha deixado certos pretendentes — quer o aristocrático Ritter Franz von Hochstetten quer o ator estreado Aribert Mog, com quem contracenara em *Êxtase* — tocarem-me de todas as formas que a minha mãe imaginava, por causa da minha rebelião privada contra ela. *Porque não?*, perguntava-me. De qualquer das maneiras, ela já pensava que eu me envolvia naquele comportamento devasso. E eu gostava de saber que o poder que exercia sobre os homens era o mesmo que detinha sobre o público — permitindo-me fazer deles meus escravos.

— Nada, mãe. Nem sequer nunca conheci o sujeito.

— Porque é que um homem te havia de dar todas estas flores se não lhe tivesses oferecido algo em troca? Se nem sequer o conheces? Não terá ele assistido ao teu altamente repreensível *Êxtase*, tomando-te assim por uma mulher fácil?

O meu pai interveio abruptamente:

— Basta! Talvez seja apenas um presente pela atuação dela, Trude. — O nome próprio da minha mãe era Gertrude, e o meu pai só a tratava pelo diminutivo quando precisava de a aplacar.

Depois de enfiar um cabelo preto desgarrado na sua coifa perfeita, a minha mãe levantou-se. Parecendo muito mais alta do que o seu metro e meio, atravessou o salão até à sua escrivaninha, em cima da qual tinha posto o buquê de rosas com o cartão. Pegou no seu abre-cartas de prata e abriu o meu familiar sobrescrito de cor creme.

Erguendo o cartão de bordas douradas junto ao candeeiro, leu em voz alta:

Prezados Sr. e Sra. Kiesler,

Tive a felicidade de assistir quatro vezes na última semana à atuação da vossa filha no papel de imperatriz Sissi, e gostaria de vos congratular pelo seu talento. Pretendo apresentar-me pessoalmente a fim de vos pedir permissão para me encontrar com a vossa filha. Se o julgardes aceitável, irei a vossa casa este domingo às seis da tarde, na única noite em que o teatro está encerrado.

Vosso fiel servidor, Friedrich Mandl

O Sr. Mandl estava a pressionar-me.

Para minha grande surpresa, os meus pais ficaram em silêncio. Pensei que a minha mãe fosse trocar do convite pelo seu arrojo e falta de decoro, ou acusar-me de ter atraído de alguma

forma absurda as atenções do Sr. Mandl. E calculei que o meu pai — que encarava todos os assuntos com serenidade, exceto no que tocava à filha — fosse insurgir-se contra aquele pedido, vindo de um homem que não nos estava ligado por laços de amizade nem de família. E, no entanto, o relógio que repousava sobre a lareira, um presente dos pais da minha mãe por ocasião do seu casamento, bateu em surdina durante quase um minuto, e eles continuavam sem dizer nada.

— Passa-se alguma coisa de errado? — perguntei.

O meu pai suspirou, algo que fazia com cada vez mais frequência nos últimos meses.

— Temos de agir com a maior das cautelas, Hedy.

— Porquê?

A minha mãe esvaziou o copo de *schnapps* e perguntou-me:

— Sabes alguma coisa acerca deste Sr. Mandl?

— Um pouco. Quando ele começou a mandar-me rosas para o camarim, fiz as minhas indagações no teatro. Parece que é dono de um negócio de munições.

— Ele já te tinha mandado flores antes? — O meu pai parecia alarmado.

— Sim — respondi calmamente. — Mandou-as todas as noites desde a estreia de *Sissi*.

Eles trocaram um olhar imperscrutável.

O meu pai falou pelos dois.

— Vou responder ao Sr. Mandl. Iremos recebê-lo para um cocktail no domingo às 18 horas, e depois jantarás com ele, Hedy.

Fiquei chocada. Embora a minha mãe estivesse ansiosa por que eu me vergasse às normas sociais e me casasse com um rapaz de boas famílias de Döbling, e fosse de supor que o meu pai sentisse o mesmo, embora nunca o tivesse dito, eles nunca tinham interferido tão abertamente na minha vida pessoal. Nem sequer quando eu me recusei a desistir da minha carreira para aceitar a proposta de casamento do filho de uma das mais distintas

famílias da Alemanha, o jovem Hochstetten. E muito menos lhes passara jamais pela cabeça insistir que eu tivesse um encontro com um determinado homem. Porquê agora?

— Não tenho, portanto, voto na matéria?

— Desculpa, Hedy, mas tem de ser. Não podemos correr o risco de ofender um homem como este — disse o meu pai com uma expressão triste.

Eu sabia que teria de me encontrar com o Sr. Mandl mais cedo ou mais tarde, mas queria continuar a resistir. O ar angustiado do meu pai impediu-me, porém. Havia algo ou alguém a pressioná-lo.

— Mas porquê, pai?

— Tu nasceste depois da Grande Guerra, Hedy. Não compreendes como a política pode ser uma força destrutiva. — Abanou a cabeça e tornou a suspirar.

Porém, não explicou o que queria dizer com aquilo. Quando é que o meu pai me tinha começado a sonegar informação, como se pensasse que eu era incapaz de compreender assuntos complexos? Ele sempre me dissera que eu era capaz de tudo, e eu sempre acreditara nele. Fora a confiança dele nas minhas capacidades que me dera alento para tentar singrar no mundo do teatro.

Esforcei-me por esconder a raiva e a decepção no meu tom de voz.

— Só porque escolhi uma carreira de atriz, não quer dizer que não possa compreender assuntos que não digam respeito ao teatro, pai. O senhor, mais do que ninguém, devia saber isso.

Estava irritada com o tom condescendente do meu pai, que era absolutamente invulgar passados anos a tratar-me como uma sua igual, intelectualmente. Quantas noites de domingo tínhamos passado a discutir os artigos do jornal junto à lareira, depois do jantar de família? Era eu ainda uma rapariga, e ele já estudava comigo as notícias até ter a certeza de que eu compreendia todas as nuances da cena política nacional e internacional, sem

deixar de lado os aspetos económicos. Enquanto isso, a minha mãe ficava a beber o seu *schnapps* e a abanar reprovadamente a cabeça, resmungando em murmúrios que aquilo «era uma perda de tempo». Porque acharia o meu pai que eu tinha mudado? Seria simplesmente porque agora era o teatro que me ocupava as noites, e não as nossas conversas junto à lareira?

Ele esboçou-me um sorriso débil e disse:

— Imagino que tenhas razão, minha pequena princesa. Deves saber sem dúvida que em março, há apenas dois meses, o chanceler Dollfuss se aproveitou de uma irregularidade nos procedimentos do voto parlamentar para assumir o controlo absoluto do governo austríaco e dissolver o Parlamento.

— É claro, pai. Saiu em todos os jornais. Eu não me limito a ler a secção de crítica teatral. E vi o arame farpado em torno do Parlamento.

— Então deves compreender que esse gesto transformou a Áustria, tal como a Alemanha, a Itália e a Espanha, numa ditadura. Teoricamente, continuamos a ser um país com uma constituição democrática e dois partidos: o Partido Social-Cristão de Dollfuss, favorito das zonas rurais e da classe mais abastada, por diferentes razões, e o Partido Social-Democrata, na oposição. Mas a realidade é bastante diferente. O chanceler Dollfuss está a tentar consolidar um poder absoluto. Há rumores de que se prepara para banir o *Schutzbund*, o braço militarizado do Partido Social-Democrata.

Senti um aperto no estômago ao ver o meu pai falar da Áustria como se fosse um dos vizinhos fascistas, e pôr os seus líderes na mesma categoria que Adolf Hitler, Benito Mussolini e Francisco Franco.

— Acho que nunca vi isso escrito de uma forma tão clara, pai.
— Eu sabia que a Áustria estava cercada por ditaduras fascistas, mas pensava que o nosso país se havia conseguido manter à margem de tais derivas. Pelo menos por enquanto.

— Podes não ter lido a palavra «ditador» nos jornais, mas de facto foi nisso que o chanceler Dollfuss se tornou, com o Heimwehr, que como sabes é uma organização paramilitar, a servir-lhe de exército pessoal, já que o tratado que pôs fim à Grande Guerra estabelece limites à criação de um exército regular austríaco. O chefe do Heimwehr é o Sr. Ernst Rüdiger Starhemberg, mas por trás dele está o seu amigo íntimo e colega de negócios, este Sr. Friedrich Mandl. É o Sr. Mandl quem fornece todo o equipamento militar ao Heimwehr e, segundo tudo indica, está envolvido também na sua estratégia.

Eu pensava que o meu pai estava a divagar com aquela incursão pela política, mas agora compreendia tudo. O objetivo era explicar-me quem era verdadeiramente o Sr. Mandl, e o poder que aquele homem misterioso detinha era agora mais claro.

— Compreendo, pai.

— Não tenho a certeza de que compreendas totalmente. Há mais, Hedy. Calculo que tenhas lido nos jornais que esse tal de Adolf Hitler se tornou chanceler da Alemanha em janeiro.

— Sim — respondi enquanto a minha mãe se levantava para se servir um segundo *schnapps*. Geralmente, ela só tomava um, bebericando-o lentamente ao longo da noite.

— Também estás ao corrente das políticas antissemitas que Hitler tem vindo a adotar na Alemanha?

Eu não tinha prestado grande atenção aos artigos sobre o assunto, já que pensei que não se aplicassem a nós. Mas, como não queria admitir a minha ignorância, respondi:

— Sim.

— Então sabes que, assim que os nazis chegaram ao poder, decretaram um boicote formal a todos os negócios de judeus e baniram os não-arianos dos tribunais e da função pública. Além de serem vítimas de ataques violentos nas ruas, os judeus alemães têm vindo a perder todos os direitos de cidadania — direitos esses com que os judeus austríacos contam desde a década de 1840.

— Eu li sobre o assunto — disse, se bem que na verdade só tivesse olhado na diagonal para essas notícias desagradáveis.

— Bem, então talvez também tenhas lido os artigos sobre os nazis austríacos que anseiam pela unificação do nosso país com a Alemanha. Quaisquer que sejam as opiniões políticas das pessoas sobre Dollfuss, o grande receio de toda a gente é que o chanceler Hitler leve a cabo um golpe para anexar a Áustria. Não houve declarações públicas sobre o assunto, mas ouvi dizer que o chanceler Dollfuss teve um encontro no mês passado com o líder italiano Mussolini, e que este aceitou ajudar a Áustria a defender-se caso venha a ocorrer uma invasão alemã.

— Calculo que isso sejam boas notícias, mas não tenho bem a certeza de que a Áustria deva fiar-se na boa vontade de Itália — comentei. — Quer dizer, Mussolini também é um ditador, e podemos acabar nas mãos dele em vez de nas de Hitler.

O meu pai interrompeu-me.

— É verdade, Hedy, mas pelo menos Mussolini não advoga as mesmas políticas furiosamente antisemitas que Hitler.

— Estou a ver — disse, embora não compreendesse a preocupação do meu pai. Essas políticas não nos afetariam a nós, seguramente. — Mas o que tem isso que ver com o Sr. Mandl?

— O Sr. Mandl tem uma relação de longa data com Mussolini; forneceu-lhe armamento durante anos. O rumor que corre é que foi ele quem providenciou o encontro entre Dollfuss e Mussolini.

Senti a cabeça a andar à roda ao começar a compreender qual era o fio que unia Mandl àquela intrincada tapeçaria. Era este o homem que me queria seduzir?

— Este Sr. Mandl é, portanto, o homem por trás do trono a que ascendeu o chanceler Dollfuss. Mas também pode vir a ser o responsável por que a Áustria se mantenha independente.

CAPÍTULO 5

28 de maio de 1933

Viena, Áustria

O gelo retiniu no cristal, e o álcool foi vertido no copo. Uma gargalhada forçada e o rumor de conversa de circunstância subiram pela escadaria íngreme de mogno. Houve um hiato na conversa, substituído pelo tom doce de Beethoven interpretado pelas mãos experientes da minha mãe. Os meus pais estavam a tentar entreter o Sr. Friedrich Mandl.

Tínhamos decidido que eu esperaria no andar de cima até que o meu pai me mandasse chamar. Assim, os meus pais poderiam dedicar-se à charada de avaliar o Sr. Mandl para ver se ele era digno de ter um encontro com a sua única filha, embora todos soubéssemos que isso não passava de um logro, já que a permissão do meu pai fora dada assim que o Sr. Mandl assinara o seu nome na carta dirigida aos meus pais.

Eu tinha as palmas das mãos transpiradas, o que era uma experiência desconhecida para mim. Os nervos nunca me tinham dado problemas no passado, pelo menos não por causa de nenhum homem. Podia sentir um estremecimento no segundo antes de a cortina do palco subir, ou nos longos minutos antes de um realizador anunciar o primeiro *take*, mas nunca no contexto de um encontro. Os rapazes não me intimidavam; sempre assumira a dianteira nos meus relacionamentos passados, encetando

e cortando laços com a maior facilidade. Tratava-os como cobaias com quem podia treinar as minhas capacidades camaleónicas, as pedras basilares da minha carreira no teatro.

Levantei-me da *chaise longue* e pus-me pela centésima vez em frente ao espelho de corpo inteiro do meu quarto. Eu e a minha mãe tínhamos discutido qual seria a indumentária mais apropriada a um encontro como aquele — nada demasiado sugestivo, ou ele poderia ficar com uma impressão errada de mim; nada demasiado infantil, ou poderia sentir-se ofendido por não o levar a sério. Acabámos por optar por um vestido de crepe verde-esmeralda com os ombros quadrados e o colarinho subido, cuja saia me descia bem abaixo dos joelhos.

Andando às voltas no quarto, esforcei-me por escutar a conversa lá em baixo. Ouviam-se alguns excertos de vez em quando, mas nada que eu pudesse situar em algum contexto. Soou uma gargalhada mais alta, e então o meu pai chamou-me finalmente.

— Hedy? Podes descer, por favor, se estiveres pronta?

Após um último olhar de relance ao espelho, desci as escadas, com os saltos a baterem mais estrepitosamente do que o costume nos degraus. O meu pai estava à minha espera à porta do salão, com o rosto a afetar cuidadosamente uma máscara de satisfação. Disfarçava bem a preocupação que eu sabia esconder-se por trás do sorriso.

Tomando o cotovelo do meu pai, franqueei a entrada no salão. A minha mãe estava sentada no sofá, virada para o Sr. Mandl, com uma expressão recatada. Do meu pretendente, conseguia ver apenas a parte de trás da cabeça impecavelmente penteada.

A minha mãe e o Sr. Mandl levantaram-se em simultâneo, e ele virou-se para mim. Dos rumores sórdidos que corriam sobre políticos e mulheres, eu estava à espera de o achar repulsivo. Na verdade, tinha-me preparado para isso. Contudo, depois de ele me fazer uma vénia formal, e de os nossos olhos se cruzarem, achei-o inesperadamente atraente. Não no sentido físico,

propriamente, embora fosse bem-parecido e elegante no seu fato azul-escuro impecável de Savile Row, com botões de punho reluzentes, mas por causa do poder e confiança que emanava. Ao contrário dos meus antigos pretendentes, era um homem, não um rapaz.

Foi ele quem tomou a iniciativa.

— É uma verdadeira honra, menina Kiesler. Sou um admirador do seu trabalho, como julgo que deve saber.

Senti um rubor nas faces, o que também era raro em mim.

— Obrigada pelas flores. Eram magníficas e... — Procurei a palavra certa. — Generosas.

— Um pálido reflexo do imenso prazer que me deu o seu trabalho. — As palavras doces escorriam-lhe da boca como mel.

A sala foi envolvida por um silêncio apreensivo. A minha mãe, com a sua argúcia social, tinha sempre geralmente uma resposta pronta, mas parecia que o Sr. Mandl deixara toda a gente desconcertada. Foi o meu pai quem veio em nosso auxílio.

— O Sr. Mandl estava a contar-nos o seu gosto pelas artes.

— Sim. — Ele virou-se para mim e disse: — Fiquei a saber que a sua mãe era uma pianista de renome antes de se casar. Confesso que lhe implorei que tocasse um pouco para mim, embora ela tivesse protestado, dizendo que já não tocava a não ser para a família. A sua interpretação de Beethoven foi magistral.

Foi a vez de a minha mãe corar.

— Obrigada, Sr. Mandl.

O facto de a minha mãe ter tocado piano para o Sr. Mandl era mais elucidativo sobre os receios dos meus pais do que o monólogo anterior do meu pai sobre as suas manobras políticas e militares ou do que qualquer explicação que me pudesse dar. Há 20 anos, quando abdicara da carreira para se casar com o meu pai, jurara que nunca mais tocaria para ninguém, exceção feita à família. E a minha teimosa mãe tinha cumprido o seu voto, até hoje.

— Suponho que também tenha ensinado a sua filha a tocar magnificamente — disse ele.

— Bem... — A minha mãe hesitou.

Eu sabia que a minha mãe não suportaria a ideia de elogiar a minha proficiência ao piano. Ela exigia nada menos que a perfeição, e todos os meus esforços tinham o condão de lhe desagradar, tanto quanto o meu aspeto — como se ela acreditasse que eu tinha escolhido a minha beleza de propósito, exclusivamente para a desafiar.

— Viu mais alguma das peças que estrearam este mês, Sr. Mandl? — Desviei as atenções da minha visivelmente apreensiva mãe para um tema de conversa mais lato. Não queria que ela preenchesse o silêncio com queixas pouco lisonjeiras sobre mim.

O Sr. Mandl fixou os olhos castanhos nos meus.

— Na verdade, menina Kiesler, a sua atuação em *Sissi* deixou-me pouco disponível para dar a oportunidade a qualquer outro ator ou atriz. Dou por mim a regressar todas as noites ao Theater an der Wien.

O ardor com que falou deixou-me constrangida, e apeteceu-me desviar os olhos. Mas pressentia que ele não queria de mim acanhamento, e sim força, pelo que lhe sustive o olhar enquanto dava a resposta que a etiqueta exigia:

— É demasiada simpatia da sua parte, Sr. Mandl.

— Sou sincero em todos os meus elogios. A menina merece cada uma das rosas que lhe enviei, e muito mais.

A minha mãe voltou a ser ela própria, deixando escapar uma frase que repetia vezes sem conta desde a minha infância. Eu tivera de a ouvir sempre que alguém dizia que eu era bonita ou quando elogiavam o meu talento para a música e o teatro, e de cada vez que o meu pai dedicava mais tempo do que ela gostaria a explicar-me como funcionava o motor de um carro ou uma fábrica de porcelana.

— Vai estragar a menina com mimos, Sr. Mandl.

Não se tratava da mera admoestação que parecia, refletindo antes o que ela pensava: que eu não merecia que me «estragassem com mimos», que já me tinham dado demasiado, e que eu era — no meu íntimo — indigna de tantas atenções.

Conseguiria aquele estranho descodificar a crítica velada por trás das palavras da minha mãe?

Se o Sr. Mandl pressentiu o seu verdadeiro significado, não o manifestou. Em vez disso, sem desviar os olhos dos meus, retorquiu:

— O prazer seria todo meu se pudesse estragá-la com mimos, como disse, Sra. Kiesler. — Virando-se para o meu pai, perguntou então: — Tenho a sua permissão para levar a sua filha a jantar?

Depois de um olhar de relance para mim, em jeito de pedido de desculpas, o meu pai respondeu:

— Sim, Sr. Mandl. Tem.

Um romance poderoso baseado na incrível história da atriz Hedy Lamarr, uma mulher brilhante cuja inovadora invenção revolucionou a comunicação moderna.

Hedy Kiesler é uma atriz austríaca com ascendência judaica que, em 1933, se casa com um poderoso fabricante de armas, o que lhe permite escapar à perseguição nazi. Além de bela, Hedy é também muito inteligente. Nos extravagantes jantares em que participa com o marido, ouve os planos do Terceiro Reich, e percebe que a sua segurança não está garantida e que algo muito grave está a ser planeado. Em 1937, desesperada por escapar ao marido controlador e à ascensão dos nazis, Hedy disfarça-se e foge.

Viaja, então, para Hollywood, onde se torna a estrela de cinema Hedy Lamarr. Mas Hedy esconde um segredo mais forte do que o facto de ser judia: ela tem uma mente científica brilhante. Durante o seu casamento, Hedy ouviu segredos do regime nazi, e agora tem uma ideia que pode ajudar os Aliados, permitindo-lhe igualmente aliviar a culpa que sente por ter fugido. Tudo o que precisa é que não a subestimem devido à sua beleza, e que a ouçam.

Leia também:

«Uma convincente biografia ficcionada que presta homenagem às contribuições científicas e ao talento oculto de uma mulher que era uma adorada estrela de cinema, com uma beleza deslumbrante e uma inteligência superior.»

Booklist



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-79-9



9 789898 917799

Romance Histórico